

# Resolução de situações-problema

## Situação-problema

Redigir um texto crítico sobre a ação de António de Oliveira Salazar – “Salazar em debate: o estadista”

Saberes a mobilizar	
Saber	Saber-fazer
<ul style="list-style-type: none"> <li>– Identificar os aspetos relevantes da governação salazarista</li> <li>– Enquadrar as ações/opções do chefe do Governo no respetivo contexto histórico</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Analisar fontes de natureza diversa</li> <li>– Mobilizar conhecimentos para fundamentar opiniões</li> <li>– Equacionar a multiplicidade de fatores e a relevância da ação dos indivíduos relativamente aos fenómenos históricos</li> <li>– Comunicar de forma estruturada e com correção linguística</li> </ul>

## Documentação

doc  
A

### Salazar, visto por Pessoa (1935)

Inteligente sem maleabilidade, religioso sem espiritualidade, ascético sem misticismo, este homem é de facto um produto duma fusão de estreitezas: a alma campestremente sórdida do camponês de Santa Comba só se alargou em pequenez pela educação do seminário, por todo o inumanismo livresco de Coimbra, pela especialização rígida do seu destino desejado de professor de Finanças. É um materialista católico (há muitos), um ateu nato que respeita a Virgem.

Para governar um país como chefe, falta-lhe, além das qualidades próprias que fazem diretamente um chefe, a qualidade primordial – a imaginação. Ele sabe talvez prever, ele não sabe imaginar. Ele mesmo mostrou desdém por aquilo a que chamou “os sonhadores nostálgicos do abatimento e da decadência” [...]

Ele odeia os sonhadores não, note-se bem, porque são sonhadores, mas simplesmente porque sonham [...]

Fernando Pessoa, 1935 – em *História de Portugal*, vol. XII, dir. de João Medina, cit.

doc  
B

### Salazar idolatrado (1939, 1952)



Manifestação de apoio a Salazar, Lisboa, 1939.



Iluminura oferecida a Salazar por delegados regionais, em 1952, onde pode ler-se: *Santo António de Lisboa/foi ao céu e, ao voltar,/já não era o mesmo homem/era António Salazar.*

doc  
C

### Reflexões de Miguel Torga (1968)

A rádio acaba de transmitir a notícia de que Salazar, em coma, foi exonerado e substituído na Presidência do Conselho. Na história do mundo nada aconteceu, mas na de Portugal acabou um reinado, uma época – trágica como se há de ver –, uma maneira específica de governar; qualquer que seja a vontade do sucessor. As circunstâncias, uma inteligência impassível, um certo sentido de grandeza pessoal, o conhecimento satânico do preço dos homens, a obstinação, o oportunismo, a ousadia, a crueldade e o desprezo podem num dado momento fazer do mais apagado indivíduo um chefe providencial. Mas quando o ídolo ou o déspota, obrigado pela força ou pela erosão do tempo, é removido do pedestal, leva anos, às vezes séculos, a surgir outro.

Miguel Torga, em *Diário XI*, publicado em 1973

doc  
D

### Elogio fúnebre (1970)

Professor respeitado pela inteligência com que encarava os problemas e penetrava as realidades, pensador claro, escritor de rara correção e elegância formal, Salazar foi chamado ao Governo como técnico, em momento particularmente crítico na vida portuguesa. Sem dramatismo, com calma serenidade, limitou-se a aplicar como ministro os mesmos princípios que ensinava na cátedra. Mas logo demonstrou no realismo com que encarava os problemas, na resistência às pressões exteriores, na indiferença à censura, como aos aplausos na tenacidade com que mantinha as resoluções tomadas, na segurança com que seguia as diretrizes traçadas não só apenas o professor que sabia ou o intelectual que discorria: era o homem de carácter forte e de vontade inflexível em quem se manifestaram as mais altas virtudes do estadista.

As finanças do país sanearam-se. E a vida regrada do Estado foi o alicerce onde afirmou a solidez da moeda, a disciplina da administração, o ressurgimento da economia. [...] Constantemente, durante o seu Governo, se abriram escolas, se rasgaram estradas, se construíram portos, se lançaram pontes, se ergueram edifícios, para que os portugueses pudessem tirar maior partido do seu trabalho e aspirar a uma vida melhor.

Mas já outros horizontes solicitavam a sua atenção infatigável: o ultramar português aguardava um novo impulso civilizador: Salazar traça também aí os seus planos, concebe uma ação racial de execução metódica e o que era simples nostalgia torna-se ideal coletivo, o que parecia sonho converte-se em realidade, desabrocham as velhas cidades africanas, surgem outras novas, a seiva cede ao impacto de animosas vontades com reforçados meios de ação, populações milenariamente atrasadas recebem a mensagem civilizadora desentranhando-se a terra dos trópicos em novas riquezas e quem conhecera o ultramar português nos anos 20 deste século mal reconhece a pujança das suas feições atuais. [...]

Mas importa defender as populações, a obra civilizadora realizada, o próprio futuro de convivência numa sociedade multirracial: e Salazar toma a decisão histórica de enviar tropas rapidamente e em força e de resistir ao que se julgava irresistível sopro dos ventos da História.

Em contraste com os pensadores derrotistas do século XIX, este homem de pensamento, mas sobretudo governante de visão clara, esclarecida energia e férrea vontade, soube dar unidade aos portugueses e inspirar ideias que neles ressuscitassem o espírito de missão.

Marcello Caetano, *Comunicação ao país por ocasião da morte de Salazar*, 27 de julho de 1970

doc  
E

## O fim de uma época (1974)



Militar do MFA retira a fotografia de Salazar, na sede da PIDE-DGS, em Lisboa, 26 de abril de 1974.

doc  
F

## Uma sessão polémica (2008)

*Criação de Museu Salazar divide esquerda e direita parlamentares*

As bancadas parlamentares de esquerda e de direita ficaram hoje divididas quanto à criação do Museu Salazar, em Santa Comba Dão, Viseu<sup>(1)</sup>. O debate foi feito a propósito de uma petição da União dos Resistentes Antifascistas Portugueses (URAP), com mais de 16 mil assinaturas, que pedia a condenação da Assembleia da República ao projeto.

Na discussão da petição em plenário, a criação de um museu dedicado à figura de Oliveira Salazar, presidente do Conselho durante 48 anos, mereceu a forte oposição de PS, BE, PCP e de Os Verdes. Para o deputado José Junqueiro, a Câmara Municipal de Santa Comba Dão (PSD)

“nada acrescentou ao concelho a não ser esta ideia de fazer uma ‘capelinha’ a Salazar”. [...]

Pelo Bloco de Esquerda, Fernando Rosas não tem dúvidas de que “um museu com o nome do ditador instalado na sua terra” se presta à exploração política pelos seus seguidores, “tornando-se um santuário obsoleto de extrema-direita”. Fernando Rosas propôs antes uma lei que veicule o Estado à preservação da memória.

António Filipe do PCP, autor do relatório final da petição, corroborou os termos do documento da URAP, ao lembrar que ao museu colide com a lei e com a Constituição que proíbem organizações que mostrem “pretender difundir valores, princípios” ou que “exaltem as personalidades mais representativas” de regimes fascistas. [...]

A defesa da iniciativa da Autarquia foi assumida pelo deputado José Cesário, do PSD. “Os portugueses têm o direito de aceder a todas as instituições e documentos que lhes permitam, sem paternalismos ideológicos, terem os seus próprios juízos críticos”, disse Cesário, considerando que a câmara pretende criar “um polo de desenvolvimento regional”, “sem saudosismos de qualquer espécie”.

Num discurso que suscitou algum burburinho nas bancadas de esquerda não só pelo seu conteúdo como pela duração maior do que a permitida, Nuno Melo, do CDS-PP, defendeu que estar contra o Museu Salazar é opor-se à própria democracia e ao Parlamento cujas paredes ostentam “simbologia do Estado Novo”. “À História não se apagam nem partes dela. É lembrança permanente sem cortes no tempo nem censura”, disse o deputado centrista.

Este argumento viria a ser contestado na intervenção seguinte, de Madeira Lopes, do grupo Os Verdes: “Nada mais falso. Ninguém queima livros ou os apaga. Antes pelo contrário: a memória é fundamental. Quem quer fazer um museu não está a preservar a memória, está a branqueá-la”.

Artigo de Sofia Rodrigues, 4 de julho de 2008, em *Página Público Pte*

(1) Santa Comba Dão é, como sabe, a terra natal de Salazar. A iniciativa de transformar a casa de Salazar numa «casa-museu» associada a um centro de estudos do Estado Novo foi tomada pelo presidente da Autarquia.

## Atividades

1. Que opinião tem Fernando Pessoa sobre Salazar (**doc. A**)? Comente a última frase do texto.
2. Apresente factos que possam justificar a devoção expressa no **doc. B**.
3. Procure igualmente fundamentar a opinião de Miguel Torga sobre os fatores que fizeram de Salazar «um chefe providencial» (**doc. C**).
4. Que apreciação faz das palavras de Marcello Caetano (**doc. D**)? Homenagem sincera ou discurso de circunstância? Justifique.
5. De forma sucinta, esclareça os motivos que conduziram à situação documentada na gravura (**doc. E**).
6. Faça uma lista dos argumentos aduzidos pelos deputados dos diferentes partidos a favor e contra a criação do Museu Salazar. (**doc. F**)
  - 6.1. Dê também a sua opinião sobre o assunto. Fundamente-a.
7. Prepare a redação do pequeno ensaio crítico que lhe foi pedido:
  - dos aspetos considerados nas respostas anteriores, selecione os que lhe parecem mais relevantes; Nota: considere as duas correntes de opinião e procure não exceder, ao todo, 10 tópicos.
  - organize os tópicos que escolheu por assunto (atuação política, económica, características de personalidade...) e contraponha os aspetos positivos e negativos;
  - formule, sobre a personalidade e ação de Salazar, uma opinião própria, fundamentada;
  - defina a estrutura do texto.
8. Finalmente, redija o texto num português claro e correto. Tenha o cuidado de não se afastar do tema proposto e de fundamentar bem as opiniões que exprime.